

## O professor com futuro

Leda Scheibe\*

É desafiador refletir sobre o futuro em tempos de profundas transformações, particularmente em se tratando do futuro do professor, que vive cada vez mais apreensivo, interrogando-se sobre a evolução da sua identidade.

Não é por outra razão que, ao invés de focalizar o **professor do futuro**, prefiro tecer considerações a respeito do **professor com futuro**. Enfrento desta forma o que é possível e desejável; embora seja também possível, porém indesejável, o professor sem futuro. Antes, no entanto, de destacar alguns pontos que considero importantes para a sobrevivência do professor, acho imprescindível traçar, mesmo que de forma rápida e sucinta, a configuração cultural e social que se coloca para uma reflexão desta natureza.

Há hoje uma distância enorme entre as experiências proporcionadas pela escola e as características culturais que se transformam pela dinâmica do social. A educação institucionalizada continua a basear-se ainda fortemente em parâmetros de um mundo social que não mais predomina.

Os movimentos sociais, que se desenvolveram com especial força na última década (movimentos de cultura e educação popular, consciência negra, grupos indígenas, grupos feministas, luta pela terra etc.), favorecem uma consciência nova das diversas culturas presentes na sociedade. Não resta dúvida de que os diferentes movimentos feministas, por exemplo, têm contribuído para alterar progressivamente a cena teórica, cultural e política contemporânea, colocando em circulação outras categorias para pensar e viver o cultural e o social. O pensamento educacional brasileiro, por exemplo, profundamente machista e patriarcal, começa a ser alterado, quando a mulher /professora começa a se dar conta do seu papel extremamente contraditório, que é o de produzir o homem racional a partir da suposta – feminina – irracionalidade!

---

\* Professora do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Outros movimentos, através da sua dinâmica, também demonstram o quanto o social e a cultura se constroem como resultado do cruzamento dos diversos sujeitos sociais – classe, raça, gênero, idade, profissão, etc.. A escola, que tradicionalmente exerce um papel de homogeneização social e cultural, começa a ter consciência da sua tarefa **mediadora** no seio desta dinâmica, a qual vai construindo o seu papel, que não é definido dentro dela mesma. O papel da escola está sendo sempre definido **fora** da escola, pela dinâmica social.

Da mesma forma que os movimentos sociais interferem na configuração de uma nova realidade, a chamada **globalização** atua como um verdadeiro rolo compressor no desenvolvimento de novas relações de poder. Para assegurar um possível desejável no movimento atual de globalização, a consciência das relações de poder precisa ser aguçada, assim como a resistência, não à universalização, mas à destruição do local e do regional.

Se é hoje fundamental que se mantenham categorias como a da **igualdade social**, frente a um projeto de sociedade que visa democracia e justiça, é igualmente importante, contudo, respeitar a **diferença** (antropológica) entre pessoas e entre culturas.

Atravessando todas estas dinâmicas e observando os seus reflexos, ampliando os seus processos, universalizando os seus resultados... encontramos a presença cada vez mais generalizada dos meios de comunicação e informação desempenhando um significativo papel na construção social.

Há um “novo complexo cultural” em evolução: combinação entre a cultura popular desenvolvida pelos meios de comunicação de massa e as novas tecnologias. Geram-se sujeitos com novas e diferentes capacidades e habilidades; há uma nova *linguagem* em evolução, mais vinculada à imagem e ao som do que à escrita, que faz com que relações entre jovens/adultos, alunos/professores pareçam, muitas vezes, relações entre seres alienígenas. E os alienígenas, em geral, somos nós, os adultos, os professores...

Novas subjetividades estão em evolução. Com capacidades mentais, cognitivas, e mesmo afetivas, diversas daquelas do paradigma dominante anterior.

Frente a esta configuração, **o professor com futuro** é aquele que:

## O professor com futuro • 171

– se encontra aberto a **novos olhares**. Sensível às transformações, não as interpretando como simples ameaças a tradicionais valores, nem considerando unicamente como “clássico” e “válido” aquilo que foi contruído no passado;

– o professor com futuro precisa ter claro que educar não é apenas um processo de “incorporação cultural”, mas, sim, de “**construção cultural**”, no qual as possibilidades da **comunicação e informação** apropriadas pelos aparatos tecnológicos existentes jogam um papel da maior importância;

– o “professor com futuro” recoloca a sua reflexão a respeito do *analfabeto do futuro* – será analfabeto também aquele que não souber ler as imagens geradas pelos meios eletrônicos de comunicação; como também aquele que não souber incorporar ao seu pensamento as novas categorias de análise do social..

A superação desse novo *analfabetismo* das imagens, da comunicação e da informação, poderá depender menos da escola do que a alfabetização tradicional. Mas à escola cabe o importante papel de mediar uma incorporação crítica das novas linguagens impostas pelo atual desenvolvimento.